



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

CARÁTER E COURAÇA: ESTRUTURAS SÓLIDAS NA SOCIEDADE LÍQUIDO-MODERNA?

Gisele Fontenelle de Oliveira Castro

RESUMO

Para Wilhelm Reich, o caráter refere-se ao modo de existir e comportar-se de um indivíduo, que tende a enrijecer-se e cronificar-se. Reich denominou couraça de caráter às defesas narcísicas que o paciente levantava contra a descoberta do inconsciente e postulou que esta couraça tinha um correspondente somático, a couraça muscular. Além da perspectiva psicológica, o caráter tem, segundo Reich, uma profunda relação com os aspectos históricos e sociais. Se todo caráter traz em si a marca de sua época, perguntamos como os conceitos de caráter e couraça podem ser pensados na sociedade contemporânea, considerada pelo pós-reichiano Federico Navarro como cada vez mais pré-psicótica e narcisista. O presente artigo visa ainda a levantar questionamentos sobre o modo de funcionamento do homem encouraçado na sociedade atual, descrita pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman como líquido-moderna. Nesta, as mudanças de circunstâncias são rápidas e imprevisíveis, dificultando as formas de agir de se consolidarem.

Palavras-chave: Caráter. Couraça. Reich. Sociedade líquido-moderna.

INTRODUÇÃO

As primeiras formulações reichianas sobre o conceito de caráter têm origem nas proposições de Freud.

Gradativamente, Reich aprofunda a noção de caráter e amplia-a para além do setting terapêutico, articulando-a ao contexto histórico-social.

Hoje, quase 100 anos após as primeiras conceituações de Reich sobre caráter e couraça, propomos questionamentos sobre a relação de tais conceitos com aspectos da sociedade contemporânea líquido-moderna, como a nomeou Bauman.

CARÁTER E COURAÇA

A noção de caráter é central na obra de Wilhelm Reich, pois ela está presente nas três técnicas terapêuticas desenvolvidas por ele: análise do caráter, vegetoterapia caracterológica e orgonoterapia. Além disso, esse conceito abarca as dimensões educacional e clínica já que ambas contribuem para a formação e transformação do caráter. Como o caráter traz em si a marca de sua época, tal conceito articula ainda as perspectivas psicológicas às sociopolíticas. (SILVA e ALBERTINI, 2005).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e coraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Em 1922, Reich menciona pela primeira vez o conceito de caráter em sua obra *Dois tipos narcisistas* (REICH, 1922/1975 *apud* SILVA e ALBERTINI, 2005), relacionando-o à neurose de caráter, cujos sintomas são difusos e misturados ao modo de ser do paciente. É ainda nesse trabalho que Reich cita também pela primeira vez o termo coraça referindo-se às defesas (courageas) narcísicas levantadas pelos pacientes contra o processo analítico e o analista. Na época, Reich pertencia ao movimento psicanalista e sofreu forte influência das ideias de Sigmund Freud. (SILVA e ALBERTINI, 2005).

Para Freud, o caráter refere-se a um conjunto de traços ou características psicológicas individuais, considerados a partir de uma perspectiva moral e convencional. No decorrer do tratamento analítico, Freud deduz que o caráter é fonte de resistência. (SILVA e ALBERTINI, 2005).

No livro *O Caráter Impulsivo: um Estudo Psicanalítico da Patologia do Ego* (REICH, 1925/1975 *apud* SILVA e ALBERTINI, 2005), Reich sugere que, na análise do caráter, se privilegie a análise das ações e dos comportamentos ao invés da análise dirigida às lembranças do paciente. Além disso, propõe uma equivalência entre caráter e a personalidade inteira, devido à dimensão globalizante do primeiro.

No referido texto, Reich apresenta a noção de caráter como sendo: “[...] a atitude psíquica particular para com o mundo externo típica de um dado indivíduo”. (REICH, 2009, p. 11). Já, no livro *A Análise do Caráter*, publicado em 1933, o conceito de caráter passa a ser definido como “[...] o modo de existir específico de uma pessoa [...]”. (REICH, 1995, p. 56).

Através da observação de inúmeros casos clínicos, Reich conclui que a resistência que o paciente possui contra a descoberta do inconsciente manifesta-se pelo seu modo de falar, andar, gesticular; enfim, sua maneira de agir no mundo, sua forma de comportar-se. E o modo de ação e reação a fatos e pessoas, típicos e automáticos do indivíduo nada mais é que o seu caráter, que se origina do conflito entre as pulsões/necessidades internas e as proibições e frustrações impostas pelo mundo externo. (REICH, 1995).

Assim como o caráter funciona como resistência no tratamento analítico, na vida cotidiana, ele tem a mesma função: a de defesa do aparelho psíquico.

O caráter consiste numa mudança *crônica* do ego que se poderia descrever como um *enrijecimento*. Esse enrijecimento é a base real para que o modo de reação característico se torne crônico; sua finalidade é proteger o ego dos perigos internos e externos. Como uma formação protetora que se tornou crônica, merece a designação de “encouraçamento”, pois constitui claramente



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

uma restrição à mobilidade psíquica da personalidade como um todo. (REICH, 1995, p. 151).

Portanto, a “[...] couraça de caráter é a expressão concreta da *defesa narcísica* cronicamente implantada na estrutura psíquica”. (REICH, 1995, p. 59).

Gradativamente, Reich vai buscando as relações entre caráter e corpo. Partindo da descrição inicial da couraça como armadura psíquica, em “[...] 1934 e 1935, passa a localizá-la anatomicamente, no caso, na alteração de tônus da musculatura [...]”. (ALMEIDA, 2012, p. 159).

Em 1934, Reich apresentou a conferência *Contato psíquico e corrente vegetativa* no XIII Congresso Psicanalítico Internacional, na qual “[...] falou pela primeira vez da *couraça muscular* que correspondia à blindagem do caráter”. (BOADELLA, 1985, p. 113-114). Nesse trabalho, lança a ideia da correspondência entre a expressão corporal e a atitude mental do indivíduo.

Aplicando a técnica da análise do caráter, Reich observa que a dissolução da couraça caracterial é acompanhada de reações no sistema nervoso vegetativo. Deduz também que a eficácia do tratamento é maior quando a análise das atitudes de caráter é acompanhada da análise das atitudes musculares correspondentes. (REICH, 1977).

Denomina couraça muscular às tensões musculares crônicas advindas de situações de estresse intenso e prolongado às quais o indivíduo foi submetido ao longo de seu desenvolvimento psicosssexual: “[...] toda rigidez muscular contém a história e o significado da sua origem”. (REICH, 1977, p. 255). Tais “[...] tensões corporais podem ser vistas como uma série de constrições, cuja função é limitar o movimento, a respiração e a emoção”. (BOADELLA, 1985, p. 114).

Segundo Reich (1977), a couraça muscular é a contraparte somática do processo de repressão psíquica. Constitui a “[...] expressão corpórea das emoções e das idéias, bem como a ancoragem somática das neuroses”. (RAKNES, 1988, p. 21).

A couraça de caráter e a couraça muscular são funcionalmente idênticas, segundo Reich (1977; 1995). Ambas têm a função de evitar o desprazer, “[...] servem como defesas, protegendo o indivíduo de experiências emocionais ameaçadoras e dolorosas”. (VOLPI, 2000, p. 44).

No processo de desfazer a couraça muscular, Reich observa que os bloqueios musculares são independentes dos processos anatômicos e descobre que “[...] a *couraça muscular está disposta em segmentos*”. (REICH, 1995, p. 341). Sete são o número de tais



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

anéis ou níveis de couraça no corpo humano: ocular, oral, cervical, torácico, diafragmático, abdominal e pélvico.

Além disso, a soma das experiências passadas do sujeito que constitui seu caráter acumula-se e deposita-se em camadas estratificadas da couraça, como as camadas geológicas formando uma história solidificada. (REICH *apud* DADOUN, 1991, p. 133).

Dadoun (1991) sugere que se mantenha a ambivalência implícita no conceito de couraça para não cair-se no equívoco de formar-se uma visão unilateral da mesma. Em sua função vital de defesa, a couraça pode manifestar-se de duas formas: adaptativa, sadia, que se expressa através de relações positivas e dinâmicas com o meio; ou biopática, caracterizada por relações distorcidas com o meio e por um encolhimento vital. Complementa declarando que o próprio Reich tinha a tendência a enfatizar o aspecto defensivo da couraça, que se posiciona **contra** o mundo externo e **contra** os impulsos internos. Mas por encontrar-se contra dois sistemas antagônicos, a couraça...

[...] não está somente *contra*, mas também *entre*, quer dizer que ela chega necessariamente a assumir uma função de ordenação, de organização e de controle das relações que ligam os dois sistemas em questão. (DADOUN, 1991, p. 133).

Dadoun (1991) sumariza os três principais tipos de couraça pontuados por Reich: a do caráter genital, do caráter neurótico e do caráter pestilento.

O caráter genital é o protótipo de saúde estabelecido por Reich (1995). Caracteriza-se por apresentar um pensamento objetivo e racional. É feliz sexualmente e sente prazer com a felicidade sexual alheia. Ama seu trabalho e luta pela melhora da qualidade de vida própria e dos outros. (REICH, 1995). A couraça do caráter genital é superficial, móvel e regulada pelo amor, servindo somente para evitar o desprazer e a angústia, de uma forma adaptativa bem-sucedida. (DADOUN, 1991).

Já no caráter neurótico, o que sobressai é o imobilismo assim como a resignação, a impotência orgástica e o medo à vida. No trabalho, a sensação é de insatisfação e a produção é baixa. Exemplos de caráter neurótico descritos por Reich (1995) são: compulsivo, masoquista e fático-narcisista. A couraça do caráter neurótico é rígida, mecânica e regulada pela angústia. (DADOUN, 1991).

Algumas características do caráter pestilento são: misticismo destrutivo, explosões violentas de sadismo, irracionalismo, sexualidade pornográfica, moralismo sádico, autoritarismo, ódio ao trabalho, dissimulação, intolerância e preconceito. A peste emocional foi



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

designada por Reich (1995) como uma biopatia crônica do organismo e manifesta-se principalmente na vida social, tendo um efeito destrutivo. A couraça do caráter pestilento é biopática, regula-se pelo ódio e caracteriza-se por transformar a libido sexual e a angústia em raiva destruidora. (DADOUN, 1991).

Passados mais de 80 anos das formulações reichianas sobre a peste emocional, Ferri e Cimini (2011) propõem uma releitura e atualização do conceito através do que eles chamam de “mutação adaptativa da síndrome”.

Na época de Reich, a estrutura de caráter média era neurótica. Contudo, hoje em dia “[...] o distúrbio *borderline* é o verdadeiro emblema da nossa época, é o resultado mais sintomático da peste [...]”. (FERRI e CIMINI, 2011, p. 217-218).

No decurso desses anos, houve uma liquefação da couraça até mesmo como tons certo, a “[...] queda da estrutura principalmente nos seus quarto (tórax) e terceiro (pescoço) níveis, (a) dissolução da paternidade com o colapso do casal de genitores [...]”. (FERRI e CIMINI, 2011, p. 220).

ASPECTOS SOCIAIS DA FORMAÇÃO E ESTRUTURA DO CARÁTER

Reich condiciona a formação e a estrutura do caráter às circunstâncias sociais às quais a sexualidade infantil encontra-se submetida, articulando, deste modo, a perspectiva psicológica aos aspectos históricos e sociais. “Se essas circunstâncias mudarem, também se modificarão as condições da formação e a estrutura do caráter”. (REICH, 1995, p. 152).

Em relação à função sociológica da formação do caráter, Reich afirma que “[...] certas estruturas humanas médias são inerentes a determinadas organizações sociais, ou, em outras palavras, cada organização social produz as estruturas de caráter de que necessita para existir”. (REICH, 1995, p. 4).

Considerando a sociedade de sua época, Reich (1995) conclui que as neuroses são consequência de uma educação patriarcal e repressora dos impulsos sexuais. Questiona então que condições poderiam auxiliar na compreensão da diferença entre um encorajamento saudável e um patológico, ressaltando que a resposta deveria ser consistente e oferecer diretrizes educacionais.

Para o autor, dados importantes para a formação do caráter referem-se à maneira como acontece o conflito entre pulsão e frustração, à fase do desenvolvimento em que tal conflito ocorre e quais as pulsões envolvidas.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e coragem: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Todas essas condições são determinadas pela ordem social dominante no que diz respeito à educação, moralidade e satisfação das necessidades, em última análise, pela estrutura econômica vigente da sociedade. (REICH, 1995, p. 156).

De acordo com Reich (1995), a classe dominante assegura seu domínio através da educação e da instituição da família que modelam as estruturas psíquicas do povo de acordo com a ordem social.

Segundo Reich (1995), a prevenção futura de neuroses deve basear-se na formação de caracteres que proporcionem ao ego apoio suficiente contra os mundos interno e externo e que, ao mesmo tempo, permitam a liberdade sexual e social.

A PERSPECTIVA PÓS-REICHIANA DE FEDERICO NAVARRO

A perspectiva do neuropsiquiatra pós-reichiano Federico Navarro é inovadora em vários aspectos. Em primeiro lugar, Navarro (1995) ressignifica a noção de caráter, limitando-o ao caráter maduro ou genital. Além disso, correlaciona os traços de caráter aos níveis corporais bloqueados e denomina caracterialidade ao conjunto de tais traços. Introduz ainda os conceitos de núcleo psicótico e caráter de cobertura.

Para Navarro (1995), a personalidade é o conjunto do temperamento (relacionado à constituição do indivíduo) somado à caracterialidade (estrutura neuromuscular que surge no momento do desmame e do início do funcionamento intencional concomitante da neuromuscularidade).

Durante a formação do temperamento, situações de estresse e frustrações prejudicam o funcionamento dos mecanismos homeostáticos, podendo causar fixações embrionárias, fetais ou neo-natais. O resultado é o estabelecimento de um grave núcleo psicótico, que pode vir a explodir diante de estresses posteriores. (NAVARRO, 1995).

Segundo Navarro (1996), pacientes que sofreram estresse intenso no período uterino possuem, além do núcleo psicótico, um baixo patrimônio energético. Sua “[...] caracterialidade é totalmente superficial e instável”. (NAVARRO, 1996, p. 25).

O núcleo psicótico caracteriza-se por uma carência grave do eu; isto é, da identidade biológica, localizada no quarto nível – o torácico (NAVARRO, 1996).

Por outro lado, a caracterialidade de cobertura é decorrente da imposição precoce da atividade neuromuscular à criança e cobre elementos psicológicos insatisfeitos, levando o indivíduo a uma imaturidade psicoafetiva. Para Navarro (1995), uma das defesas do núcleo



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e coraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

psicótico é enrijecer-se em outras posturas caracteriais, como a cobertura caracterial compulsiva ou fálico-narcisista.

Se, além do estresse no período intrauterino, o indivíduo sofre um desmame brusco e precoce, surge a formação de um duplo núcleo psicótico coberto, pois a caracterialidade cobrirá uma oralidade insatisfeita. Tal situação ocorre na condição *borderline*, na qual “[...] o temperamento da pessoa está sob controle, mas pode sempre explodir se as condições existenciais negativas fizerem desabar a defesa do ego (o *self-control*)”. (NAVARRO, 1995, p. 14).

Para que haja a formação do caráter, é necessário que o eu já esteja constituído “[...] e a constituição do eu está ligada à função dos olhos”. (NAVARRO, 1995, p. 15).

Segundo Navarro (1995), o psicótico não possui um eu, pois ele não tem consciência do próprio corpo. E o corpo é o nosso eu, como lembra Navarro remetendo-se a Nietzsche e Freud. Essa é a razão pela qual o psicótico também não tem um caráter ou coraça. Seu campo energético é disperso. “Por isso, na terapia, é fundamental que o psicótico se encourace; isto é, o psicótico, para curar-se, deve tornar-se um neurótico”. (NAVARRO, 1995, p. 48).

A caracterialidade de cobertura – que encobre um núcleo psicótico - encontra-se presente “[...] na maioria dos indivíduos da sociedade de hoje, sociedade esta, infelizmente, cada vez menos neurótica e mais pré-psicótica”. (NAVARRO, 1995, p. 9).

Com base em sua experiência clínico-social, Navarro (1996) pressupõe que 30% dos indivíduos em nossa sociedade contemporânea apresentem um núcleo psicótico instalado pelo estresse do medo durante a vida intrauterina.

Estima ainda que a presença do núcleo psicótico depressivo coberto, típico do *borderline*, encontre-se em torno de 45% da população geral, pois um desmame fisiológico é, na verdade, muito difícil de acontecer em nossa sociedade atual. (NAVARRO, 1996).

Navarro (1995) elenca alguns sintomas da condição psicótica: medo do contato, olhar ausente, ausência de consciência sobre o próprio corpo, campo energético disperso, indiferenciação eu X outro, desestruturação, desorientação, perda de interesse pelo mundo externo, homogeneização.

Além de caracterizar a sociedade atual como pré-psicótica, Navarro (1995), observa que seus membros são incentivados a comportarem-se de modo narcisista já que a “[...] condição psicológica do narcisismo, nos seus vários aspectos, apresenta-se, em maior ou



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

menor percentual, em toda caracterialidade” (NAVARRO, 1995, p. 66); isto é, em todo homem “normal”.

Para Navarro (1995), o componente narcísico age sobre o eu e especialmente sobre o ideal do ego, fazendo com que o indivíduo identifique-se com seu papel social ao invés de desenvolver a identidade biológica do eu. Identificando-se com seu papel social, o homem está perdendo a percepção real e social do próprio corpo e de suas necessidades, procurando adequar-se aos ritmos que o papel social determina.

O ideal do ego é solicitado e estimulado diretamente pela educação, ou indiretamente pelos modelos culturais e sociais, e condena o indivíduo à insatisfação, porque, na realidade, o ideal do ego é inatingível. (NAVARRO, 1995, p. 29).

As estruturas sociais e caracteriais da classe e cultura dominantes determinam o que se considera “normalidade” em nossa sociedade (NAVARRO, 1996).

Um forte componente narcisista é encontrado nos indivíduos borderline, nos quais o egoísmo é indício de um acentuado narcisismo, de um auto-enamoramento capaz de antepor o si mesmo a tudo e a todos. (NAVARRO, 1995, p. 65-66).

Outras características do narcisismo são o orgulho e o perfeccionismo, que se expressa em um julgamento severo sobre si mesmo. “Isso explica porque o narcisista é um insatisfeito consigo mesmo [...]”. (NAVARRO, 1995, p. 65).

Sobre o aspecto positivo da couraça, Navarro (1995) afirma que ela tem utilidade do ponto de vista histórico, pois serve para a defesa do indivíduo. Declara também que a metodologia da vegetoterapia não visa à eliminação da couraça, mas a auxiliar o indivíduo a conscientizar-se dela, resultando na autogestão.

Para Navarro (1996), a vegetoterapia caracterio-analítica é uma metodologia terapêutica com implicações socioculturais, pois pretende uma transformação em direção “[...] a uma sociedade em que o supérfluo não sirva para compensar a falta ou carência do necessário”. (NAVARRO, 1996, p. 10).

Uma pedagogia preventiva deve assegurar que a formação da armadura caracterial ocorra em condições de disponibilidade e flexibilidade, resultando em uma caracterialidade e couraça “administráveis”, evitando, assim, manifestações psicopatológicas. (NAVARRO, 1995).

A VISÃO DE BAUMAN SOBRE A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e coraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1999; 2009), na fase industrial da Era Moderna, que perdurou até meados do século XX, a sociedade era de produtores, pois moldava seus membros para o trabalho duro na indústria e na guerra. Os valores de obediência, disciplina e conformismo eram cultivados enquanto a rebeldia era repelida e silenciada. O corpo do operário ou do soldado em potencial era o que contava, enquanto seu espírito podia ser dominado ou excluído.

Por outro lado, no seu atual estágio pós-moderno, a sociedade contemporânea molda seus membros para desempenhar o papel de consumidores. Os indivíduos são tanto consumidores como objetos de consumo. As avaliações de todos os aspectos da vida são moldadas pelo padrão dos objetos de consumo: sua utilidade e seu valor. Quando a data de validade expira, há uma exigência do mercado de descartar-se o mais breve possível o que já passou da validade, desde identidades assumidas a relações afetivas estabelecidas. (BAUMAN, 1999; 2009).

Bauman (2009) designa a sociedade contemporânea como “líquido-moderna”, na qual as formas de agir não conseguem consolidar-se em rotinas e hábitos, pois as circunstâncias que as determinam mudam em uma velocidade tal que impossibilita a formação e a manutenção de estruturas sólidas. “A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer por muito tempo”. (BAUMAN, 2009, p. 7).

A globalização – processo de mudanças rápidas, imprevistas e irrefreáveis em escala mundial – tem levado a sociedade a uma condição onde as estruturas sólidas, hierárquicas e duradouras estão com os dias contados. (BAUMAN, 2009).

A sociedade contemporânea é uma sociedade de indivíduos, onde o “eu” ganha destaque sobre o “nós”.

Hoje em dia, “individualidade” significa em primeiro lugar a *autonomia* da pessoa, a qual, por sua vez, é percebida simultaneamente como direito e dever. [...] Como *tarefa*, a individualidade é o produto final de uma transformação *societária* disfarçada de descoberta *pessoal*. (BAUMAN, 2009, p. 30).

Durante a maior parte da história das sociedades humanas, as relações sociais foram caracterizadas pela proximidade. Contudo, o progressivo dismantelamento da rede de vínculos sociais da comunidade somado à revolução dos transportes possibilitou “[...] o nascimento da identidade – como *problema* e, acima de tudo, como *tarefa*”. (BAUMAN, 2005, p. 24).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e coraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

A construção da identidade, segundo Bauman (2009), é uma tarefa individualizada, autorreferenciada e auto-centrada. O indivíduo pode e deve realizá-la sozinho, através dos meios oferecidos pelo mercado: realização de dietas, aquisição de aparelhos de ginástica novos, renovações constantes do mobiliário da própria casa, mudança de casa, de carro, transformações infindáveis no próprio corpo.

De acordo com Bauman (2009), os processos obsessivos e compulsivos de restaurações, reciclagens, reconstituições da identidade agem de acordo com a crença de que mudando cada vez mais e mais rápido, o indivíduo pode “renascer”, tornando-se amanhã alguém diferente de quem é hoje. Assim, em nossa sociedade contemporânea consumista, a ênfase sobre a construção da identidade substitui a preocupação com a eternidade e a imortalidade. O indivíduo pode vivenciar hoje infinitas possibilidades, pois enquanto a infinitude durar,

[...] o presente permanece, o dia de hoje pode se esticar para além de qualquer limite e acomodar tudo aquilo que um dia se almejou vivenciar apenas na plenitude do tempo. (BAUMAN, 2009, p. 14-15).

Deixar de ser o que se é para tornar-se alguém que não é torna-se um imperativo. O resultado é a insatisfação permanente: “Vida líquida significa constante autoexame, autocrítica e autocensura. A vida líquida alimenta a insatisfação do eu *consigo mesmo*”. (BAUMAN, 2009, p. 19).

Contudo, a individualidade é privilégio de poucos, pois enquanto a elite preocupa-se em escolher o melhor modelo de identidade oferecido pelo mercado, os menos favorecidos têm que ater-se a uma única identidade “fixa”, sem escolha, sobredeterminada.

Segundo Bauman, (2009), a classe dominante vive em uma condição de extraterritorialidade, pois o poder hoje se caracteriza pela possibilidade de mobilidade. A velocidade comprimiu o tempo e o espaço ao aqui e agora. A elite global vive em uma sociedade “de valores voláteis, descuidada do futuro, egoísta e hedonista”. (ATTALI *apud* BAUMAN, 2009, p. 10). Vive no eterno presente, procurando sobreviver e obter o maior grau de satisfação possível, saboreando tudo aquilo que pode consumir. Constitui a “cultura híbrida”, extraterritorial e busca sua identidade no não pertencimento, na liberdade. Sua identidade é “[...] heterogênea – e efêmera, volátil, incoerente, eminentemente mutável [...]”. (BAUMAN, 2009, p. 43).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e coraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

O único “cerne identitário” que com certeza emergirá da mudança contínua são e salvo, e provavelmente até reforçado, é o do *homo eligens* – o “homem que escolhe” [...]: um ego permanentemente impermanente, completamente incompleto, definitivamente indefinido – e autenticamente inautêntico. (BAUMAN, p. 47-48).

A “[...] vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante”. (BAUMAN, 2009, p. 8). O medo é generalizado e a ansiedade e depressão são sintomas frequentes.

O mercado é aquele que dita as regras do funcionamento social e determina que os consumidores não prestem muita atenção ou concentrem seu desejo em um objeto por muito tempo. Assim, estimulam as características de impetuosidade, inquietude e insatisfação permanente. (BAUMAN, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos cientes da amplitude e profundidade do tema tratado. Portanto, não temos a pretensão de esgotar o assunto. Objetivamos propor algumas questões que talvez possam incentivar estudos posteriores.

Acreditamos na capacidade das perguntas de nos conduzirem a reflexões, pois, como afirma Bauman (1999),

[questionar] as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos. (BAUMAN, 1999, p. 11).

Apresentamos primeiramente questionamentos sobre as definições do conceito de caráter haja vista que o próprio Reich, durante o desenvolvimento de sua obra, propôs diversas definições para o mesmo até tornar-se, na Orgonomia, “conduta *biofísica* típica”. (REICH, 1948/1995, p. 11).

Se o próprio Reich apresentou modificações ao conceito de caráter, então por que nós, quase 100 anos após suas primeiras formulações sobre tal conceito, devemos manter uma visão rígida do mesmo?

Se o próprio Reich afirmou que, se as circunstâncias sociais e históricas modificassem, tal fato influenciaria a formação e estrutura do caráter, por que não levamos em conta as



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

profundas transformações sociais, culturais e econômicas que sobrevieram após a morte de Reich (1957)?

Como podemos considerar o corpo, o caráter e a couraça na sociedade atual, já que no mundo da globalização, no “[...] ciberespaço, os corpos não interessam [...]”? (BAUMAN, 1999, p. 27).

Para Reich (1995), o corpo é o terreno no qual se manifestam o caráter e a couraça, através de comportamentos rígidos e estereotipados crônicos. Em contraposição à noção de “liquidez” proposta por Bauman (2009) para definir nossa sociedade contemporânea, podemos inferir a ideia de “solidez” nos conceitos formulados por Reich, como: “enrijecimento”, “encouraçamento”, “crônico”, “rígido”, “história solidificada”?

Deduzimos através das observações de Bauman (1999; 2009) que Reich (1897 -1957) viveu e produziu sua obra primordialmente na época da sociedade dos produtores, na qual os valores de disciplina, obediência e ordem eram exaltados. Reich lutou pela liberdade pessoal e social em relação a estruturas e instituições sólidas, rígidas e autoritárias.

Contudo, na sociedade líquido-moderna, estamos em uma cena oposta à descrita por Reich, onde falta o limite organizador das pulsões. (FERRI e CIMINI, 2011).

Para Ferri e Cimini (2011), vivemos em um tempo *borderline*, rarefeito e baseado em instantes, emoções, excitações, comunicações, informações, mas no qual faltam raízes, sentimentos, consciência, relações e sabedoria – estes sim, feitos de tempo.

Bauman (2009) declara que na sociedade líquido-moderna a velocidade é mais importante que a duração. Assim, como a aceleração do ritmo externo incide sobre o tempo interno já que hoje, tanto a violência como a sexualidade manifesta-se através de reações pulsionais imediatas, reptilianas? (FERRI e CIMINI, 2011). Como a aceleração estimula a impulsividade nas diferentes caracterialidades?

Vivemos em uma sociedade cada vez mais pré-psicótica (NAVARRO, 1995). Quais seriam as características de uma sociedade pré-psicótica? Um mundo globalizado, homogeneizado, sem fronteiras, sem referências claras, onde o poder é invisível e anônimo, o medo é generalizado e os valores são voláteis? (BAUMAN, 1999; 2009). As caracterialidades tendem a ser cada vez mais instáveis e superficiais, incapazes de conter os impulsos do núcleo psicótico?

Se, como afirma Navarro (1996), a maioria dos membros da sociedade contemporânea possui um núcleo psicótico que pode vir a explodir sob condições de estresse, devemos ainda



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

manter, generalizando, o objetivo terapêutico proposto por Reich de dissolver a couraça ou até mesmo quebrá-la e destruí-la?

Quais são as implicações práticas, metodológicas da afirmação de Navarro (1995) de que o psicótico não possui uma couraça? Que técnicas precisam ser desenvolvidas para contemplar os pacientes psicóticos e os portadores de um núcleo psicótico, com caracterialidade de cobertura?

Como podemos ir além de uma visão negativada da couraça, como muitas vezes nos induzem os textos de Reich (ALMEIDA, 2012; DADOUN, 1991)?

Como a couraça pode ser útil na sociedade contemporânea?

Parafraseando Winnicott, como poderíamos encontrar nas dimensões da educação e da clínica um tônus “suficientemente bom” para a couraça? Como propiciar o encorajamento egossintônico: “[...] desenvolvendo uma couraça mais permissiva e alinhada à convivência social [...]”? (ALMEIDA, 2012, p. 94).

De modo semelhante à perspectiva reichiana, Bauman (2009) acredita que liberdade, democracia e educação estão intimamente relacionadas e constituem a base das esperanças humanas e das chances da humanidade.

Além disso, Ferri e Cimini (2011) propõem alguns remédios para vencermos a peste emocional de nossos tempos: o investimento no ser e não no ter, o cultivo da humildade (que permite uma comunicação maior entre a cabeça e o coração), restituir aos nossos jovens a noção de “nós” além de...

Restituir-se e restituir o tempo, o tempo límbico, o tempo do tórax, o tempo da respiração, o tempo dos sentimentos, o tempo do com, o tempo de escutar, de se contar e de contar, da história e do seu sentido, da *corporeidade* e do seu sentido. (FERRI e CIMINI, 2011, p. 223).

Para refletir: como podemos criar mais tempo para nós e para o “nós” no nosso dia-a-dia? Como atender às nossas reais necessidades saindo da lógica perversa do consumismo desenfreado?

Esperamos que tais perguntas possam fazer-nos parar para pensar e olhar em que direção estamos indo e para a qual queremos ir enquanto indivíduos e sociedade.

REFERÊNCIAS



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. **Caráter e coraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna?** In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. **A noção de coraça na obra de Wilhelm Reich**: origens e considerações sobre o desenvolvimento humano. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-25072012-101358/>>. Acesso em: 2016-03-24.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar: 2009.

BOADELLA, D. **Nos caminhos de Reich**. São Paulo: Summus, 1985.

DADOUN, R. **Cem Flores para Wilhelm Reich**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

FERRI, G.; CIMINI, G. **Psicopatologia e caráter**: a psicanálise no corpo e o corpo na psicanálise. São Paulo: Escuta, 2011.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caractero-analítica**: sistemática, semiótica, semiologia, semântica. São Paulo: Summus, 1996.

NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus, 1996.

RAKNES, O. **Wilhelm Reich e a orgonomia**. São Paulo: Summus, 1988.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, W. **O Caráter Impulsivo**: um estudo psicanalítico da patologia do ego. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SILVA, João Rodrigo Oliveira e; ALBERTINI, Paulo. **Notas sobre a noção de caráter em Reich**. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 25,n. 2,p. 286-303, June 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932005000200010>.

VOLPI, J.H. **Psicoterapia corporal**: um trajeto histórico de Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2000.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CASTRO, Gisele Fontenelle de Oliveira. Caráter e couraça: estruturas sólidas na sociedade líquido-moderna? In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2016, pp. 260-274. [ISBN – 978-85-69218-01-2].

Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos_anais_congressos.htm.

Acesso em: ____/____/____.

AUTORA e APRESENTADORA



Gisele Fontenelle de Oliveira Castro / Joinville / SC / Brasil

Psicóloga (CRP 12/ 01129), pela PUC/RJ – 1993. Especialização em Psicologia Corporal (Centro Reichiano – 1998). Psicóloga concursada pela Prefeitura Municipal de Joinville (1997). Atua no PAM Boa Vista (ambulatório de referência de especialidades médicas). Atende também em consultório particular.

E-mail: giselefontenelle@yahoo.com